
Funções e Competências do Telejornalismo de Dados¹

Ester Rocha VALLIM²

Marco Aurélio REIS³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O Jornalismo de Dados teve como seu principal precursor o repórter e professor americano, Philip Meyer, que propôs uma metodologia sistemática para que as redações jornalísticas passassem a utilizar informações quantitativas em seus conteúdos. Apesar de um maior protagonismo nos veículos de comunicação online, o Jornalismo de Dados passou a fazer parte também dos produtos jornalísticos de emissoras de televisão. Entretanto, atuar no telejornalismo de dados acabou por demandar do profissional habilidades específicas que não eram comumente utilizadas. A partir dos conceitos de competências de Philippe Perrenoud (2000), o presente trabalho propõe identificar essas funções e competências necessárias para a produção de telejornalismo de dados.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Jornalismo de Dados; Funções e competências.

Com o crescimento da prática de Jornalismo de Dados nas redações brasileiras, os profissionais tiveram que adquirir novas funções dentro do contexto organizacional da rotina produtiva. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, a grande parte das redações que não possuíam um núcleo específico com profissionais que tinham conhecimento prévio em análise de dados, tiveram que demandar dos funcionários conhecimentos além daquilo que eles utilizavam normalmente nas apurações. Isso porque a demanda para análise dos dados epidemiológicos da doença eram diários e ganharam muita notoriedade neste período.

De certa forma, a prática do Jornalismo de Dados mobiliza funções e competências intrínsecas ao jornalista, como a habilidade de questionar e fazer perguntas, técnicas de apuração, entre outros. Algumas funções, inclusive, já precisavam ser mobilizadas em coberturas feitas por determinadas editorias como economia, polícia e política. Isso porque, quando o profissional realiza um

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, e-mail: esterrochavallimm74@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor permanente do PPGCOM UFJF, da SEE-MG e substituto da Faculdade de Letras da UFJF. Vice-líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias. E-mail: marco.reis@ufjf.br.

levantamento de preços para uma matéria de economia, por exemplo, ele já está mobilizando conhecimentos lógicos e matemáticos para fazer levantamento de preços, de taxas, comparações, entre outros. Outro exemplo é a cobertura de segurança pública que com frequência faz reportagens comparando os índices de criminalidade divulgados por órgãos oficiais a partir de levantamentos utilizando conhecimentos de análises de dados.

O objetivo não é apontar a prática do Jornalismo de Dados nas redações como a única forma de mobilizar análises numéricas, mas sim, mostrar que, apesar dos dados já serem utilizados nas coberturas jornalísticas, o trabalho de Jornalismo de Dados vai além e demanda outras funções e competências dos profissionais envolvidos naquela tarefa. Apesar de algumas competências já fazerem parte da rotina jornalística, outras são novas e precisam ser adquiridas.

Diante desse contexto apresentado, foi feito um levantamento inicial propondo identificar algumas novas funções e competências necessárias para os profissionais de Telejornalismo trabalharem com Jornalismo de Dados, de modo a contribuir para a formação de futuros jornalistas. Este artigo é o início de uma dissertação de mestrado em que será realizado um levantamento completo utilizando as metodologias de Estudo de Caso e Análise de Conteúdo a partir da análise do conteúdo exibido pelo Jornal Nacional e Jornal da Record no contexto da pandemia de Covid-19.

Entretanto, a fim de dar uma prévia do que será realizado na dissertação, este artigo busca levantar algumas funções e competências identificadas a partir de um dos principais livros sobre o trabalho jornalístico com dados, denominado Fluxo de trabalho com dados - Do zero à prática. Este livro foi disponibilizado pela Escola de Dados, escrito de forma colaborativa por Adriano Belisário, Rodrigo Menegat, Marília Gehrke e Marina Gama Cubas (2020) e se coloca como um guia prático destinado a profissionais e estudantes interessados em trabalhar com dados no campo da comunicação, em especial no jornalismo. O guia baseado na metodologia de fluxo de trabalho com dados destaca em seus capítulos as principais etapas que perpassam o desenvolvimento de uma matéria jornalística baseada em dados e é a partir desse trabalho que iremos identificar algumas funções e competências.

Segundo o fluxo apresentado pelos autores, inicialmente é necessário definir o tema que será abordado na reportagem, além de identificar em qual situação você se

encontra diante do projeto: se já possui um conjunto de dados dos quais precisa extrair respostas ou se possui um tema de interesse, uma questão ou hipótese, mas ainda não possui as informações a serem analisadas. Nesse caso, o jornalista precisa mobilizar funções e competências intrínsecas ao trabalho de apuração e mapeamento de fontes. A próxima etapa listada é a obtenção desses dados, que pode ser feita através da própria internet com informações já disponíveis, em portais de dados abertos, ou até mesmo no requerimento de informações que ainda estão ocultas através da Lei de Acesso à Informação (LAI).

Nessa etapa, muitas informações podem não ser obtidas de forma simples, na página inicial dos sites oficiais ou por e-mail, por exemplo. Apesar de muitas informações estarem disponíveis na internet, dependendo do tipo de dado que o jornalista precisa para desenvolver aquela matéria é necessário fazer uma apuração mais minuciosa, a partir de conhecimentos técnicos sobre armazenamento de dados e regras de transparência. Muitos jornalistas não sabem, por exemplo, qual é o tipo de informação que é considerada de interesse público e que precisa estar disponível de forma aberta nos sites. Dessa forma, também é necessário mobilizar conhecimentos de dados abertos, dados abertos governamentais.

Atualmente, existe uma gama de sites que, de forma colaborativa, disponibiliza dados de bases públicas de forma acessível e organizada, como a organização não-governamental sem fins lucrativos, “A base de dados”. O grupo com diversos profissionais da área atua para universalizar o acesso a dados de qualidade, quebrando barreiras técnicas para quem já faz ou quer começar a fazer análise de dados. No site é possível encontrar três tipos de dados: tabelas tratadas, fontes originais e pedidos LAI.

Esse conhecimento a respeito da disponibilidade dos dados é importante porque, apesar de ser obrigatório a divulgação de determinadas informações públicas, muitos órgãos não o fazem. Por conta disso, muitas vezes é necessário recorrer a buscas mais profundas e específicas, em portais da transparência. Em muitos casos, os portais da transparência não estão organizados, o que demanda do profissional um conhecimento prévio neste tipo de apuração. Em algumas ocasiões é necessário até mesmo fazer essa busca ativa através da Lei de Acesso à Informação, o que também demanda conhecimentos específicos do jornalista sobre transparência, quais são os principais artigos da lei, entre outros.

A verificação e limpeza dos dados fazem parte da fase de checagem das informações adquiridas. Essa etapa consiste na busca de elementos que comprovem que os dados coletados estão corretos, são consistentes e que não há falta de informação que comprometa o seu trabalho. Como destaca Cubas e Menegat (2020), “até mesmo uma fonte que conhecemos bem e tem as melhores credenciais possíveis pode se enganar”.

Ainda na parte de limpeza das informações coletadas é necessário estabelecer critérios de organização que posteriormente ajudarão no processo de análise, realização de operações matemáticas, filtros, ordenações, e outros mecanismos que ajudarão a responder as perguntas feitas. Essa etapa demanda tempo, mas é de extrema importância para garantir a veracidade dos dados. Nesse momento, é possível que o profissional utilize códigos de programação que trarão agilidade ao processo, diminuindo o tempo dedicado a esta etapa.

Para iniciar a análise dos dados, os autores propõem uma reflexão a respeito da isenção e objetividade na prática jornalística através dos dados. De acordo com Cubas e Menegat (2020), baseado em um artigo do professor da Birmingham City University, Paul Bradshaw, o viés de confirmação é um dos mecanismos programados na mente humana que fazem com que a avaliação da realidade não seja tão isenta e objetiva. “Humanos tendem a prestar mais atenção em informações que reafirmam suas próprias opiniões sobre um tema, enquanto ignoram informações que possam colocar essas perspectivas em xeque”, afirmam. Segundo os autores, essa questão não está exclusivamente ligada à prática de Jornalismo de Dados, mas também podem ser observadas em outras reportagens.

Para evitar os efeitos dos vieses cognitivos, o livro apresenta uma saída proposta por Philip Meyer:

O jornalismo de precisão deveria adotar, na medida do possível, os ideais, os métodos e o conceito de objetividade dos cientistas. Significa formalizar, enunciar e tomar consciência das hipóteses, teorias e premissas que assumimos na hora de apurar uma matéria. Antes de mergulhar nos números, vale listar quais são os elementos que você procura, que evidências seriam necessárias para comprovar a hipótese que você investiga e, em contraste, o que seria necessário para admitir que não há nada ali. (MEYER, 1973 apud MENEGAT, CUBAS, 2020)

Segundo os pesquisadores, só assim seria possível fazer uma análise mais criteriosa dos pressupostos que envolvem nossa forma de pensar e as conclusões que derivam dela.

Após a realização dessas etapas é necessário se atentar sobre como as informações coletadas serão expostas para o público, visto que a última etapa do fluxo de trabalho com Jornalismo de Dados trata-se da visualização. Para isso, a principal ferramenta utilizada pelas redações são os gráficos que devem ilustrar os dados abordados na reportagem, mas sem perder sua função informativa, que é primordial. “Uma visualização de dados impactante concentra tanta informação quanto o lead (o que, quem, quando, onde, como e por que) de uma reportagem” (MENEGAT, 2020).

Em sua maioria, gráficos são utilizados para comparar valores de forma precisa, o que ajuda a enxergar tendências temporais e tendências gerais. Em uma reportagem, sua função está diretamente ligada ao processo de ampliação da capacidade de compreensão humana sobre aquele determinado tema, contribuindo para que o leitor tenha facilidade na comparação e ordenação do conteúdo exposto.

REFERÊNCIAS

BELISÁRIO, A; MENEGAT R, GEHRKE, M; CUBAS, M. Fluxo de trabalho com dados - Do zero à prática. São Paulo: Open Knowledge Brasil, 2020.

FRANÇA, H; ELOY, C. Jornalismo e transparência: um levantamento sobre o uso de ferramentas de acesso à informação por profissionais da imprensa e seus efeitos na produção de notícias. Seminário de saberes arquivísticos internacional, 2019.

Disponível em:

<<http://www.ufpb.br/evento/index.php/ixsesa/ixsesa/paper/viewFile/4651/2827>>.

GRAY, J; BOUNEGRU L; CHAMBERS, L. Manual de Jornalismo de Dados. 1a Edição. Londres: European Journalism Centre, 2012.

LIMA, P. O micromundo dos jornalistas de dados no Brasil: carreira profissional e construção de identidade. 2021. Tese de doutorado- Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MEYER, P. Precision journalism. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

OPEN KNOWLEDGE FOUNDATION. Open Data Handbook. 2010. Disponível em: <<http://opendatahandbook.org/guide/en/>>.

TRÄSEL, M. Jornalismo guiado por dados: aproximações entre a identidade jornalística e a cultura hacker. *Periódicos UFSC*, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n1p291/27193>.

_____. Jornalismo guiado por dados: relações da cultura hacker com a cultura jornalística. *XXII Encontro Anual da Compós*, v. 6, 2013. United Nations, 2013. 104p. Disponível em: <<https://digitallibrary.un.org/record/3907402>>.